

HA-BA-BA

PERSONAGEM



CAMINHAR

A

INICIAÇÃO AO
TRABALHO

INDETERMINAÇÃO
DA
CERTEZA

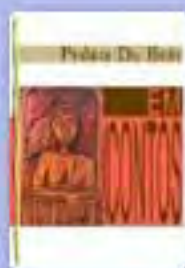
POEMAS

O DIA EMPEDRADO

SOBRE LEITURAS e
DESENTENDIMENTOS

SOB(RE) O MELHOR
DOS MUNDOS

Pedro Du Bois



POEMAS

Pedro Du Bois



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Seleção dos poemas, capa, projeto gráfico e revisão: **Tânia Du Bois**

D815p Du Bois, Pedro

Poemas [recurso eletrônico] / Pedro Du Bois.
– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.
2,65 Mb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-195-7

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

poemas são dedicatórias
(desde sempre)
entregues aos leitores

SUMÁRIO

- 9 CAMINHAR
- 33 INICIAÇÃO AO TRABALHO
- 57 PERSONAGEM
- 79 O DIA EMPEDRADO
- 103 SOBRE LEITURAS E DESENTENDIMENTOS
- 129 **HABITAR**
- 147 *SOB(RE) O MELHOR DOS MUNDOS*
- 179 A INDETERMINAÇÃO DA CERTEZA

A PALAVRA NUA

O desassossego de pensar busca o resultado de um possível entendimento sobre o objeto estudado. E uma poesia que a isso se disponha também há de fazer o leitor desassossegar-se, acostumado que é a ter na poesia apenas a busca de um deleite, um consolo, uma distração, o que é dizer um comodismo. A palavra que este livro nos dá, apesar de objetiva e racional, não se desfaz num tipo de discurso simplesmente “seco” e, assim, desprovido de alguma “magia”, mas, ao contrário, encerra um enredo de enredos que no leitor cheio de vontade há de provocar perguntas radicais sobre o que ali se diz e sobre as possibilidades de interpretação, já que no caso em questão, a poesia deste poeta, esta palavra corre através de construções nada óbvias ou, de outra forma, óbvias num sentido alto de significação, portanto trabalhosa de se lidar. A meu ver, este é o incomodo essencial que nos pode fazer pensar especialmente em como temos nos lido (nossa subjetividade), como temos lido o que chamamos de mundo e, enfim, o que temos concebido como poético.

O presente livro nos convida a isto, ou seja, a esta demostra em raciocínios e decifrações de lógicas (caminhos) que não se resumem a meramente raciocinar, já que se trata de poesia e daquilo que desta matéria esperamos, o prazer (ou a ilusão) de domá-la, enquanto leitores. E ao motivo desta luta não se credite algum ardid do autor, como o de imaginar que ele apenas nos armadilhe em sutilezas e sutilezas, embora nós mesmos possamos (querer) cair nesta forma de percepção, pois isso no livreria do ato de trabalhar sobre o que ele nos propõe: percorrer tais sutilezas e, unindo decifração e imaginação, poderemos chegar à fala do poema.

Comum ao que o poeta sempre se dispõe, este livro também se mostra orgânico no seu todo e, a cada poema, debruçado sobre uma ação e ao que nela se mostra como um jogo de claro-escuro. E, como espanto que nos pode ser, damos de cara com palavras muito utilizadas na vida em geral, mas que, postas na sentença do poema, tornam-se um desafio de interpretação, já que seus significados dependem de uma leitura voraz, ou seja, do trabalho mesmo de “desbanalizar o banal”.

O encanto que comumente buscamos num tipo de poesia mais sentimental ou de outra qualquer (fácil) natureza, aqui se dá por um “queimar de neurônios” em busca dos segredos que os percursos dos poemas nos impõem. Mas não se imagine tais segredos como uma forma de criptografia egoísta. O livro que adiante se abre é um convite à descoberta do estranho no habitual. Como diz seu autor, “Levei anos para descobrir / minha estranheza diante dos fatos.”

Webston Moura

Poeta

CAMINHAR



1 Premeditação: nasce em pecado
faz da travessia
pesada cruz.

Sofre no aprendizado
a tragédia inerente
à sua condição.

(o esquecimento como trégua na luta
indesejada da acumulação material)

Conforta saber da perdição
originada no momento sôfrego
em que corpos se entrelaçam.

2 Presente na origem contestada
e no desenvolver inconsciente. O animal acasalado
expulsa demônios de terras não aradas.

Vê e compreende a necessidade
do desejo.

Percebe o perigo e vai adiante
onde esteve no tempo
indiferente: a fome atravessa
a terra onde se embrenha.

3 A solidão turva o olho. Bando
concentrado na presa. Apressa o passo:
a fome dirige o pecado.

Tem a água
e o fogo. A pedra
e o osso.

Não pensa o pecado
e o mal se acomoda
na sobrevivência.

4 Olha ao redor. O cheiro no gesto
do reconhecimento. Está com
quem conhece.

Relaxa o corpo e dorme: o sonho
não acrescenta cenas futuras.

Flutua espaços inconquistados
na imensidão das águas
escondidas sob a pedra.

Acorda e concebe a fome.
Caçador e caça. No equilíbrio
sustenta o primórdio da crença.

5 Diferencia o acompanhante do intruso.
Distingue o cheiro a vista o tato.

O gosto acre do sangue
coagulado em suas mãos.

Mãos empunham o castigo.
Olhos contemplam o por do sol.

O frio acoberta corpos
destinados ao progresso.

6 Assusta o pássaro. O urro retorna
em gritos. Assusta reconhecer o outro
na igualdade. A desigualdade
na aproximação em corpos cansados
das jornadas. Sabe da vida
o necessário à fuga e ao silêncio.
O segundo passo predispõe a sequência.

7 Cessa a caminhada.
Aguarda a partida e retorna. Busca
no solo os passos. Reconhece
o verde e o barro. O animal
é o assédio a ser contornado.

A solidão extingue
a vida em retrocesso.
Traz a outra. Tem com a outra
o instante necessário (corpos
pedem contatos). Penetra
a carne e a recebe em vontade.

Há vida na repetição. Rompe o cordão
em desespero. O choro interrompe
a extinção da espécie.

8 Do passado e retira
a culpa. Sem remorso busca
no presente o inconsciente ato.

Secciona a lembrança: em algum
espaço registra o tempo anárquico
do acontecido no caos improvisado
e na ordem aculturada do ser
submetido ao medo: a morte
é espera
e mestra.

9 Preda a terra. Cata.

Coleta.

Carrega o indispensável.

Levanta e colhe
da árvore o fruto
do arbusto a flor.

Abaixa-se e cava
a raiz amarga.

10 Escuta o choro adulto da outra.
Pequeno outro imóvel.

O movimento não percebido desafia
o espaço. A decomposição
afasta a vida.

O choro cessa na trajetória.

(A memória aguarda
a lembrança).

11 Em volta o terreno se parece
com o começo. Início e fim.

O círculo caminhado. O raio concebido
na inoperância. Urra o reconhecimento:
voltar é o indelével saber da perda.

12 A diferença entre eles. O cão acompanha
os passos. Reconhece. Late a aproximação
e uiva a noite. Cães se oferecem.

Observam os cães
que os acompanham: cães são comida
sobre a pedra: não latem
não uivam.

A noite se faz noite.

13 Pronto ao gosto adocicado
do lamento. Acre ácido acero
desgosto do sacrifício. O tempero
traz deuses necessários em oferecimentos.

Foge do ritmado bater das pedras
e lança ao espaço o galho.

Arremessa o corpo
no princípio: espera
a resposta além do gesto.

Deuses não saciados: a repetição
mantém o nível
do não constrangimento.

14 O outro desconfia do sacrifício.
Sem gritos sem gestos sem o silenciar
do confronto busca a bifurcação.

Descruzados caminhos
permitem a segmentação do bando.
Leva a esperança feita em outro corpo.

Desconfiar faz a ponte
entre a credulidade e a consciência
na irreabilidade confrontada ao sonho.

15 Está junto
(pela mão leva o outro
desconsiderado inimigo)

fornece a pista: indica
o trajeto mais curto. A estrada
deixada pelo caminho permite
o reencontro. A fome sofrida
no desconhecimento do destino.

16 Pode esconder-se em curvas
além do trajeto: objetos protegidos
na intromissão da história
repetem fatos. Ao redor do fogo
queimam interesses.

Joga a terra e cristaliza
em areia o momento.

Sabe na transformação
da essência do objeto.

17 Mede palmos. Há medo. Receia
o encontro: adivinha o que se esconde
no entrevistado.

À frente busca o exterior
do todo. A tangência.

(A fome se desdobra em sede: cede
ao cansaço e adormece).

Na medida exata da confluência.

18 Na oralidade o som ecoa a verdade.
Trancafia a palavra em signos. Sinaliza
o logo e o após. Comprime o significado
no reduzir a paisagem ao elemento.
Experimenta os pés como asas. Aventura
o corpo ao espaço. O pássaro solto em ares
despeja o grito. Encoraja a independência:
raça e coragem

19 A descoberta
na idealização da viagem sobrepõe
no método o uso. Acostuma
o espírito ao delírio. Alimentada
a criatura desdiz pecados: a gula
ressurgente e o imediatismo
fazem descansar o corpo
à sombra.

Seguir em frente significa
deixar o consentido: a imitação
da mente no desatino
de se fazer indiferente.

20 Prende-se com a lança
Abre caminho entre feras. É a besta
acidentada no trajeto. Mata.

Pode com sua presença
ser raiva
e ódio.

Pudesse ser o silêncio.

21 A luz que ilumina a intuição.

Onde coloca os pés.

Onde fixa os olhos. Descobre
o destino na paisagem e se diz
ciente da responsabilidade. Apaga
a luz e aproveita
da escuridão
o pouco.

22 Sente ser objeto na trajetória
repleta das mesmas coisas. Pássaros
repetidos e o reflexo. Esquece a sede
e bebe da água o contido na descida.

Reaquece o corpo
na mineralização
do afeto. Pedra
e limo. Queda livre.

23 Estar ausente não o absolve.
A culpa remanescente retira do espírito
a paz. Guerreia suas tormentas e fenece.

O escurecer protege a vista da paisagem.

Restam sombras
do acontecido. Não
estava presente.

24 O amor lembrado
é dor continuada. Ficar
justifica a origem e o destina
ao primórdio. A família constituída
com carinho. O amor
emparedado em descendência
ressoa ordens não cumpridas. Continua
a jornada e se apresenta em ausências.
É lembrado.

25 Através da porta a madeira
assume o gesto do reencontro.
Volta. Está além do retorno
e tem a frigidez do corpo
desacompanhado. O medo
impele a mão que toca
a madeira. A solidão ecoa
o passado. O futuro é o estrondo
com que a chave é girada.

26 Antes que esqueça relê o conteúdo.
Notícias habitam o desespero. O pedido
entronizado
na fera.

Reafirma o passo e se distancia.
Sobre a mesa a carta espera
a leitura.

27 Negativa: ficar proíbe
a vida ao destino. Olha através
da tela. Manuseia as fotos. Lê
instruções. Decora manuais
com que viagens mentem
lugares visitados: eleva a catedral
e a ponte. A imobilidade
do castelo na movimentação
das flores.

Fica e arvora ao tronco
o coração e a flecha.

28 Desculpas justificam
o ato penetrado. Não antecipam.
Não se materializam em panos
quentes sobre palavras ásperas.

A desculpa é objeto
internalizado no corpo
em movimento.

29 Na volta – como retornam migratórios
pássaros – conta sobre a viagem
o bastante para interessar passos
nos mais jovens e assustar pés
nos anteriores.

Contar é antecipar
a caminhada e recomeçar
o trajeto ao outro lado.

30 Na pretensão do desencontro
utiliza forças desnecessárias:

o refluxo e o gesto
inercial do submerso.

Reforça em medos a solidariedade
e ajuda o instante a se transformar
no extremo da impropriedade.

Caminha na lateralidade
onde lembra o centro
e o começo. É tarde.

31 Perdoa a insignificância
da localização e se diz
disposto
ao barulho: a natureza
enreda o espírito
no contrato. O som
embebeda o sentido.

O corpo deita e relaxa
o músculo do instante.

32 Repisa passos
ao contrário
- na direção oposta –
do seguimento: fica
sobre a terra conhecida.

Onde o desconcerto ocorre:
cessa a busca
no convencimento
da permanência.

Apaga na trilha
o espaço ocupado
em cada passo.

33 Órfão da terra
invade o espaço da permanência.

Fica no fato não consumado.
Segue olhos atentos em lembranças.
Ouve o verbo conjugado na calada
hora da desventura. Não conta
sobre o regresso: avança
a história e a desfaz em gestos.

34 Talvez possa
parar
e descansar.

Talvez pudesse
não ter de ir
a nenhum lugar.

Talvez caminhar
seja apenas
caminhar.

35 Escolhe a caminhada:
pensa o quarto e a cozinha
a cozinha e a sala
a porta da frente
a ida ao banheiro.

Espia o caminho através
do jardim.

O portão. A rua.
O outro lado da rua.

Esconde a vontade.
Senta no sofá
e liga o televisor.

36 Alguns escalam montanhas submergem
mares sobem em árvores espiam
animais em florestas voam espaços

outros consideram a força dos ventos
e se lançam em precipícios

abreviam a caminhada
e são esquecidos.

37 Acordado: a madrugada é leve
e a cama pesa o corpo. Recolhe
na leitura a obviedade da vida onde
se encontra de passagem: caminhar
é colocar a paisagem em movimento
até cansar os olhos e na distração
do cansaço perde o rumo. Caminhar
é desanimar
em consequências.

38 Andarilho: caminha a vida
sem importância
geográfica. Está
no lugar permitido
aos passos (sem
pressa ou agenda).

Peregrino: o descaminho induz
a culpa. O remorso
avança o corpo
em descompasso.

39 Desencaminha o assunto
entre vírgulas. Explica a situação
e se faz refém da imagem.

Quando dizem que passou
por aqui sabe que o perseguem.

Caminhos se cruzam
ao acaso. Pelo menos a caça
sabe ter companhia
na distância que se encurta
e não lhe interessa.

40 A casa se faz perto: na singularidade
dos atos reza aos deuses. Atendido
em parte. O parto do rato pela montanha
na sucessão dos atos. Está perto.

A verdade
retirada da ilusão
do sonho. A casa acorda
o corpo ao regresso.

41 Muitas vezes multiplica o trajeto.
Muitas vezes abdica do resultado.

Na retirada o revés
se apresenta como experiência.

Não é bem assim: perder
o passo é mais que as muitas
tentativas de fuga.

Muitas vezes jura a si mesmo
a saída: tantas vezes a incapacidade
tolhe seus passos. Joga a chave
fora e se mantém como hóspede.

42 Como inimigo trava a batalha.
Sabe da inutilidade: grita protestos.

Estar consigo é o caminho árduo
de todos os dias. Caminhar
apertado ao corpo. Sombra.

43 Antes do próximo amanhecer
estará fora. Longe é o destino
de quem se esforça em liberdades.

A liberdade é caminhar
continuado entre terras ocupadas
em títulos oficiais. A terra
arada gado árvores
homogêneas. Pássaro
entre nuvens baixas.

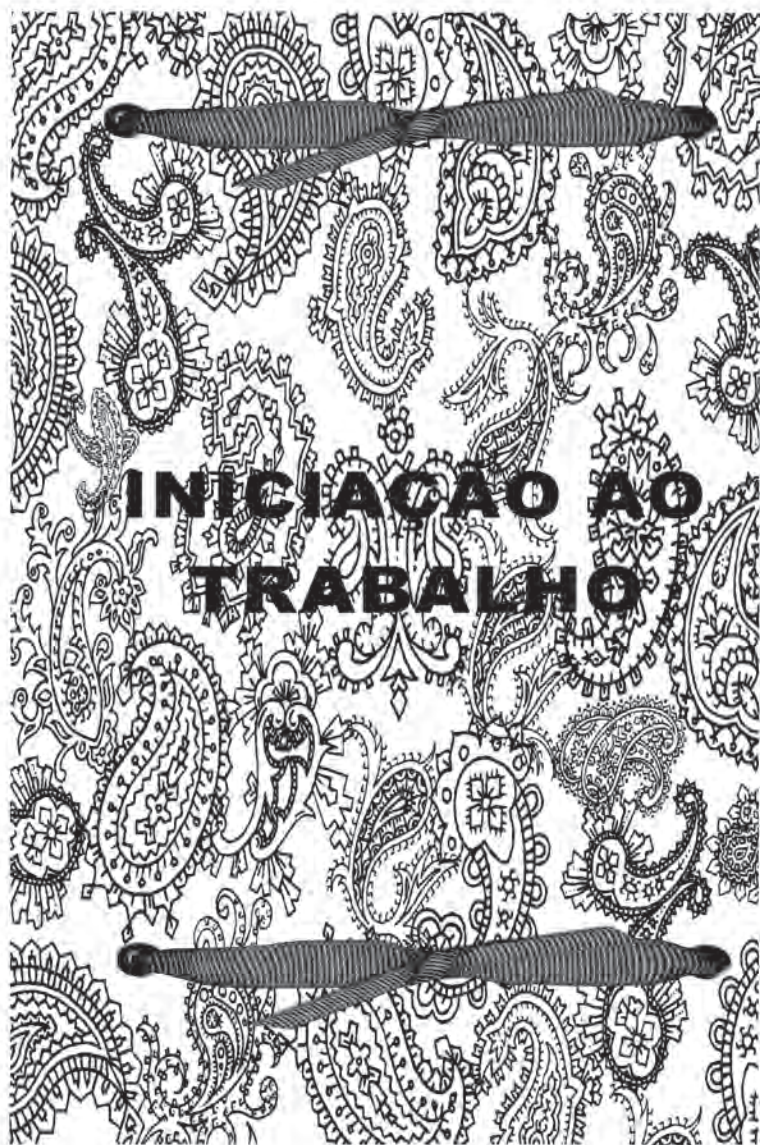
O mar se abre
em oportunidades oceânicas.

44 Conhece alguém que conta histórias
mirabolantes de terras desconexas: não
pergunta se ao norte.

Desnorteadado senta
e acende o último cigarro.

Caminhar é cansar o corpo
ao quase nada. Gastar a sola
por menos que nada.

Caminhar é inconstitucional
último da jornada.



1 O exemplo determinado
ao fato –inaudito - repele
a mão do feitor. A liberdade
temporária na indefensável
manobra de arrependimento: não
se pertence. Obreiro determinado
no que não lhe ocorre
escorre pelo corpo o suor.

2 Desde criança
sabe do atrevimento no abordar
o motorista e o carro. Estender
a mão e entregar
ao pai à mãe
ao padrasto
ao irmão
ao chefe
o saber acumulado
em pouco dinheiro.

A dor não repartida em fome
de noites mal dormidas
na subserviência e medo.

3 Brinca inocências. Joga ao alto
a bola ultrapassada.
Dribla e arremessa.
Rebate e bate.

Apanha na luta
durante o recreio. Chora
mesmices.

O objetivo da revanche
no primeiro estágio da revolta.

Trabalho
recém-começado.

4 Não se aconselha com os mais velhos.
Cala sua indiferença e arma no passo
a passo
o retorno.

A força empregada fosse fera: a pedra
arrancada descreve arcos.

Trabalho feito.

5 Esconde nos bolsos repletos
de aventuras o cheiro
do cigarro: o primeiro gole.

Mente o sortilégio dos inimigos dispostos
a atrasar ações
no mundo passado em esquinas.

Contraí os músculos da face
no ritmar a respiração
na fala: mente.

6 Na descoberta da rua fecha
com cuidado o portão. Deixa
o cão do lado de dentro.

Adentra ao mundo e atinge
o meio da rua. A metade
conquistada no receio
de ser chamado de volta.

Retorna ciente do ambiente.
Mente aos deuses o desejo de ir
embora.

Anoitece. A cama é repositório
do espírito avizinado em sonhos.

7 Teve a primeira experiência.
Na segunda vez o medo foi forte.
Na terceira sabia o caminho.
Virou rotina.

Não se habitua com batidas policiais
nem com cães sedentos de sangue
nem em fugir.

Resiste. Morre.
(Alguém fica com seu lugar).

Trabalhos executados
à queima roupa.

8 Escrevem letras.
Desenha traços.
Digitam números.
Diverte-se com figuras.

Falam estranhas línguas.
Pensa deuses e heróis.

Contam sobre exóticos países:
sente medo.

9 Acorda com fome
e busca na cama vazia
o alimento.

Está sozinho
e com fome
do que não lhe é oferecido.

Chora a angústia
e na solidão alimenta
o sonho desfeito.

10 Automatizado
o gesto
se repete: a instrução
destrói
a espontaneidade.

A música refaz
o espaço. O trabalho
recomeça.

11 Quando falam em trabalho
não sabe responder: disponível
para a vida em todos os dias
no máximo permitido. Trabalhar
é oposto
avesso e transverso
caminho: tenta
eximir-se. Ora.

Espera dos deuses a definição.
Quando falam em trabalho
desconversa.

12 Oferece seus préstimos: carregador
engraxate
limpador
menino de recados

(mula).

13 A madrugada é o despertador.
O alvorecer como trajeto.
A manhã no objeto.
A tarde seu retardo.
A noite sua revolta.

14 Dorme: sentimento abjeto. Reinicia
as tarefas: em si desdobra
o tempo: fome e sono.

Dorme é acorda do avesso
o faz igual
ao anterior: a fome
configura a parábola.

Em hiperbólico discurso desmerece
a raça. Dormir e não acordar
para todo o sempre.

15 Reflete o desacompanhado

- está só e se faz
inteiro no estertor.·.

Tímida forma avança no espaço:
desacompanhado sabe do trajeto
e o percorre em traço e desenho.

- Está consigo e se faz surdo
conduzido ao nada.

16 Quando precisa tem a mão amiga
no infinito da oportunidade.

Fechado no desaproveitamento
da vaidade interna-se rebento
rebelde e pródigo.

Negócios dispensam acompanhamentos
e vendas vedam os olhos.

A mão amiga na comprovação
do vazio: futuro anunciado como pecado.

O lucro corrente ecoa sinos desabalados.

17 Por merecimento recebe
a vaga. Agora pertence à estrutura
cega da hierarquia: responde
sobre assuntos da companhia.

Rígido horário de chegada.
Flexível horário de saída.
Sempre que é preciso
fica outro tanto.

Pertence ao clube da formalidade.
Vestido de acordo com a solenidade.

(Lanche e a obrigatoriedade
dos sapatos limpos).

18 Pelo termo técnico empregado
verifica não ser a magia
o negócio da casa:

sem monstros
mares
ares
labirintos: descansa
bastante antes do batente.

Atrasos não são perdoados.

19 Na manhã vai até perto da escola.
Não entra nem volta para casa.

Desígnios se apresentam em etapas
intercaladas: na manhã descobre
a ausência na essência.

volta para casa na hora de sempre.
Está com fome.

Não tem medo: a liberdade
resguardada
no silêncio.

20 Refestelado no emprego
vê ser retirada sua cadeira.

Fim de festa: desempregado
perambula.

A experiência é o todo
desolado dizem do alto
da escada.

Aceita o emprego oferecido:
pagam pouco.

21 Dizem da profissão mais antiga
das mulheres: o padre
o pastor
o clérigo
a autoridade

nada falam sobre homens
no emprego da força:

forçar o ser a praticar
o ato e pagar por isso.

22 Fruto da imaginação
(sonhos infantis)
desliza o corpo ao perigo:

prende o vapor
no espaço

prende a alma
no espetáculo.

Não se desprende e do alto observa
a vista cansada do transeunte. Imagina
(sonhos adultos) o tempo necessário
ao desconhecimento.

23 Ao tempo necessário é concedido
a graça do começo. Não uma semana
ou duas. O espaço integral da oferenda:
a energia concentrada fragmenta
além do núcleo observável.

Diversas dimensões entrelaçadas
na intercalação do nada: a matéria espúria
das derrotas no sentir inerte da revolta.

Necessário o reconhecimento da família
e dos negócios no fragmento estanque
sobre a porta.

24 Entre sapatilhas
sapateados
pés descalços: revolve o corpo
ao encontro do sentimento.

(comunga a dor do esforço).

Ergue os braços em acolhimento
e curva o corpo aos aplausos.

revisita o espaço desamparado
e se desconhece: sapatilhas
sapatos
pés descalços.

25 Para isso adestrado:
animal preparado para o salto.
Galope. Trote necessário
para não desarrumar a carga.

Por isso ensinado
sobre truques e magias.

O arco em fogo
a corrida
o salto.

26 Apresenta a documentação exigida
junta a carta recomendável.

O patrocínio submete o raciocínio
no desvão do mérito. Oferenda
ao deus tragicômico: desmerecido
senhor que cobra os ingressos.

Aos seus pés estende
flores singelas
na indiferença.

entre documentos ressalta
o histórico. Mente o acontecido
em elástico tecido de memória.

27 Pronto ao sacrifício. O risco do desempenho disfarçado em máscaras seca o rosto. O recurso das mãos dentro dos bolsos. Olhar esvaziado de importância no altar da passagem. Sacerdotes atentos ao momento. Maroto sorriso.

Sacrifício ao nada do retorno. Glória financeira oferecida em pagamento de dívidas.

28 Procuram elemento do sexo masculino. Jovem de boa aparência. Com menos de vinte e cinco anos. Escolaridade média. Solteiro ou descasado.

Que durma no emprego. Saiba cozinhar.

Trazer referências e duas fotos três por quatro.

29 Noite: retorna exausto. O banho
o lanche a televisão ligada.

Na conversa diz estar exausto
mas sem sono. Diz boa noite
e troca de canal.

Noite: defronte à janela debruça os olhos
ao dia seguinte. Chora.

30 A ilusão é elemento filtrante: realidade
anteposta à dúvida na certeza do infinito.

O dia chega ao final
no barulho dos automóveis
 ônibus superlotados
 filas
 congestionamentos.

O corpo cansado em casa.
O filho chora o sustento. A mulher
lamenta a comida fria sobre a mesa.

A ilusão filtra na realidade o confronto
e o transforma no filme da madrugada.

31 Na irracionalidade imposta o desejo
sob fogo cruzado repele o corpo.

Frio metal retém o fogo com que forjado.
Retalha o início na loucura da jornada.

Agora: hora e espaço: utiliza o arrazoado
mesquinho da peçonha: cobra onírica
em rebote
ataca.

Frio metal aquecido na hora do combate.
Na irrealidade a vida espera e crava a lança
em si mesmo.

32 Projetado em sonhos retém o aspecto
inusitado do trabalho: heroico
hercúleo: vagos
personagens misturam épocas
e personagens.

A finalização da jornada: dia
utilizado na sobrevivência heroica
hercúlea
da família.

33 Rasga o contrato: pétreas cláusulas
de mais valia.:

Rasga o extrato: inertes lançamentos
que nada valem.

Rasga o horário: divisão infame da jornada.

Rasga a vida em idas e retornos
no trajeto igualado ao tédio.

34 Ciente do erro repete o feito:
no erro repetido ressoa a liberdade.

Na despedida tem o abraço e o beijo.
Errônea forma de se dizer
vazio de acontecimentos.

O erro ressoa a saudade natural
do esboço. E o traço.

35 Na manhã prometida a si mesmo
não arruma a cama. Alonga o banho
e da água sobre o corpo pensa o passo
adiantado ao fato. Não toma café
não morde o pão. Em jejum sabe
o contexto esperado ao feito. Surrada
roupa esconde o corpo. Deixa
entreaberta a porta. Sai sem volta.
Sai sem ideia remota de retorno.

Sobre a mesa o papel em branco.
Como são as despedidas.

36 Refeito em drágeas desperta o dia
seguinte: sua sina carrega
o peso do prejuízo. Soam badaladas
e se diz ingente esforço. Inicia
o trabalho onde se perde. Sem cantoria
e aplausos segue a linha em que desmonta
repetidos ciclos. A promoção
e a aposentadoria
reluzem opacos
futuros.

37 O primeiro ao nada: a suficiência
do esforço
recompensado
nas contas
a pagar.

38 Escuta o discurso. No gesto
o que resta do caminho. O verbo
acende o espírito da liberdade.
Na promessa descrita em parábola
antevê o futuro: a luz do holofote
inunda o orador. A platéia estática
aguarda o momento dos aplausos.

Acredita nas palavras e as guarda
em garantia da cobrança.

39 Vidraça remendada: vidro espatifado
relembra a direção da bola. Corre
e se esconde entre as árvores. Logo
escurece.

Vai para casa.
O castigo guardado na entrada
suspende o corpo ao martírio.

A bola furada no encerramento precoce
da carreira. Quebrar vidraças é totem
onde se resguarda o homem remendado
em lembranças.

40 Coordenadas indicam o tormento:
a latitude envolve os lados do teorema.
Esforço desperdiçado em letras e números.

Inúmeros problemas decorrentes
da longitude. Como se dizer além
e acima das consequências.

41 Passos aéreos e o submerso espaço.
O barco hiper-realista singra o sangue
dos deuses afogados. Severos figurantes
depredam a imagem. Nuvens e velas
confundem o horizonte. Éditos condenam
a decrepitude da pedra. O veio ressecado
e o homem – em seus interesses – assiste
a passagem do cometa. Comenta dizeres:
o espaço corrompido surge no abrupto
esvoaçar do minotauro. Após
lágrimas cobrem faces e repetida
fica a marca do trabalho. O início
confunde o espaço.

42 Quando receber a autorização
para a viagem guarde a lembrança
da casa paterna. A imagem da mãe
chorando sua despedida. A imensidão
da terra despossuída: ir embora
em busca do futuro atrasa a vivência
do passado na desconsideração
do voo cancelado: embora esteja
satisfeito entenda o sofrimento.

Em volta da peça erga o muro
e o grafite em dizeres amorosos.

43 Borboletas

cães
peixes. O universo descoberto
em etapas entrelaça
o conhecimento não científico.

O bom senso coloca o senso comum
na causalidade do universo.

Vê e observa a relva cobrir a terra:
a força viva da natureza.

(O choro da criança antecipa a fala
e o discurso demanda o poder abstraído).

44 Sensação de desabrigo e abandono.
Iniciar o trabalho é se apresentar
diante do mundo de forma
transparente e ficar
em obrigações no suor
do corpo e cansaço da mente.

45 Inverso inverno
internaliza regras.

Chega em casa (retorno)
diariamente e se diz
sincero em propriedades
(contorno). Reserva
a hora ao inaudito (estorno)
com que se realiza de outra forma.

A iniciação está completa:
o restante é sonho.



1 Alugo o corpo ao personagem
e sou incorporado ao discurso plástico
da inverdade. Sou deus e demônio
personificados nas contradições. Besta
e pomba. Homem despossuído
de razões. A aparente calma precede
a tormenta e a neve desce a montanha.

Sou outras gentes. Gentios
e crentes. A platéia estática na ação
do palco. O finalizar da música
no arrastar das cadeiras.

2 Ser além do personagem
o mito. História
em sua criação na apropriação
da ideia.

A luz ilumina o palco
com palavras
apostas no papel.

A aposta sobrevive ao instante
da criação. A aposta se conforma
ao espaço preenchido em oportunidades.

3 Repito o texto
realizo o gesto
materializo
a palavra.

Permaneço.

4 Avesso ao comum
imortalizo
a cena. O aplauso
contém o ressentimento
da realidade.

Retorno
e aprofundo
a vida
em verdades.

5 Transito o nada.

Antes e depois.

Durante permaneço

vivo. Flâmula e chama.

Deus descoberto no acaso

transito águas profundadas

de naufragos. Necessidade.

6 Mesmo que interprete

o personagem

sou ator que se apresenta:

em dupla face.

O personagem olha a platéia

(imersa na escuridão)

e o ator enxerga a platéia

(imersa na escuridão).

7 Certos personagens devem a fama
por venderem suas almas
aos demônios.

Certos intérpretes
interrompem suas carreiras
e se tornam marionetes.

8 Encantada a serpente se eleva no espaço.
O mago interpreta o sonho
do personagem atônito
na platéia: sou a serpente
elevada no final
do traço.

9 Habito o personagem
construído a partir
do nascimento.

Alimento idiosincrasias
e engolfo no mundo
minhas inverdades.

Personifico a genética
e a atravesso: sou rei
e deus. Plebeu escolhido
ao sacrifício.

10 Repilo com enfado a lâmina
no faz de conta da desgraça:
o frio do aço corta
a quente carne: o bandido morre.

Refaço com engodo a lâmina
trespassar o espaço: o sangue
do malfeitor escorre.

Rearmo a mão que lança
a morte: ao bandido cabe a morte
desacompanhada.

11 Escondo a vontade na incerteza
do espetáculo e aspereza do contato.

A pedra obstaculiza a passagem:
estrangeiro personagem revistado.

O personagem é estranho
no abstrair os fatos.

O cotidiano revisitado concede ao intérprete
a naturalidade em que a artificialidade
se esgota.

12 Não cabe ao personagem responder
perguntas sobre o texto: contexto
e entretenimento

o personagem é parte
que se instala e flutua.

Não sabe o personagem das razões
do autor: interpreta.

13 Certos personagens (adaptados)
se perdem no enredo e o transforma
em meandros performáticos.

O público assiste o abismo
entre texto e gesto.

A platéia esvaziada
ecoa nervosos risos
fantasmagóricos.

14 Protagonizo a história
(em cada página
transpareço).

Incorporo a figura
metódica com que o personagem
é construído.

Adenso o texto: minimizo esforços.

A cena remete ao centro
do palco no ângulo adverso do processo.

15 Antecedo a máscara e demonstro
o ricto: a face amortecida da derrota
plantada em subterfúgio. Cabe
ao personagem entrever o plano
no discurso escuso e se manter oculto
em desprezo: volto ao início
e o filho – agora crescido – é herói
decantado em mágico destino. O filho
personifica a continuidade que atrás
da máscara sofre o enredo.

16 Na janela entreaberta
encerro a conquista: o espelho repete
repelido gesto:

(a personalidade contraposta ao engodo
me transforma no acidente)

a janela escancarada
remete a cena
ao espaço.

17 Divido o quarto a mesa o prato
divido o banho a toalha o sabonete

indivisível a vida perde o contato.

Divido a história o capítulo a fala.

Desço na última parada
e meu personagem continua.

18 O rito da luz
 ao degrau. Do altar
 ao banco de trás.
 O segredo.

O rito regride o personagem
no mistério da desvelação.

A persona atraída pela chama
queima sua individualidade.

O galo canta tantas vezes
forem necessários seus cantos.

19 O malabarista arrisca suas laranjas
sobre o corpo: vive o espaço entre sinais
de trânsito. Transforma a espera
em contexto: sorri a esmola.

No final da tarde come as laranjas
junto com a família. O personagem
consome o ato praticado.

20 Nascido aos dias tais de anos tantos.
Crescido e estudado no colégio do bairro.
Andei com pessoas sem muito crédito.
Acreditei em sonhos e danças com mulheres
de vida dificultada nas confusões da noite.
Anoiteci cedo e incorporei a culpa
por não ter nascido esplêndido.
No esplendor da idade estava velho
e em defesa procurei auxílio
onde não restava: preso rezo
a insuficiente desesperança.

21 A platéia iluminada observa o palco
fechado em cortinas.

Ouvidos tentam captar o som
inexistente. A fala inexistente predispõe
o elenco não apresentado.

A platéia aguarda impaciente
haver adquirido os ingressos:
a voz anuncia o final do espetáculo
e agradece.

22 - Senhor?!

- Diga!

- Com tristeza informo a morte da princesa...

(quem é esse não personagem que invade
o texto e deturpa a fala)

(quem é esse não personagem
recriado na história em outro texto)

(quem é esse novo personagem
que refaz na morte a minha tristeza).

23 Ser eu e ao mesmo tempo o espaço do outro representado em choro e riso

(a gravidade da palavra enunciada em verdade no texto).

Divido o corpo ao gosto e realoco a alma em sentimentos antagônicos: descruzo o sentido.

24 O homem passa pela rua: olha a mulher com quem cruza.

Cruzados caminhos encaminham o texto em significado: o homem retorna e encara a mulher.

Personagens são alheios a olhares e soslaios.

25 Soldados recebem ordens
para avançar e destruir
matar e conquistar

a música em tambores ásperos
indica a luminosidade da cena:
no centro do palco o soldado
explode a face em tiro certeiro

a luz permanece acesa
e a música cessa.

26 Pode ser o trecho
de amor e paixão
no errar a incosequência
e renascer em espetáculo
de músicas e danças.

O casal enlevado realiza
em cena o sonho da vida
(real).

27 No assunto esvaziado
perdura a dúvida do espetáculo
nos olhos escrupulosos dos atores.

Acreditam na próxima hora
desfeita em sonhos de assentos
vagos: espectros assombram
os personagens.

28 Acolho a rosa.
Escolho a rosa: tese e antítese do mistério.

A rosa resseca no vaso despossuído.

A cena se repete
como praga.

29 Esquadro: moldura e tela.

A tinta preenche o espaço na vontade
da representação encerrada em esquadros.

Nos olhos resultam
detalhes: personagem.

30 É o personagem figura transitada
em dúvidas: a divinização da espera
na coragem de se dizer esperto
em dias melhores.

Sou a sombra encanecida refletida
na vidraça – pelo lado de fora –
indo embora na imaginação
tolhida ante o espaço.

Sou o eufemismo tratado no filho
deserdado. Canto agônico profetizado
e o não completado em letras disparatadas
nos discursos recorrentes
nas tormentas e areias.

31 Transito mistérios.

Meu nome desdita.

Figura esguia do reencontro
em mim mesmo.

A pessoa atravessa a rua.

Entrevisto pela janela do coletivo.
Enorme prazer em não me revelar.

O personagem redobra o cuidado
e se afasta em nuvens na recordação
provada da existência.

32 A metade principia
o encerramento. Em ciclos
permanece o personagem:

paisagem e passagem.

33 Tempos (assim chamados)
dos fatores. Restam marionetes
presas em cordões de enforcamentos.

Animais aculturados
em jogos despreziosos
no humor rancoroso
dos carrascos: ao senhor
cabe o exercício perdulário
do regresso. Não resta
nada ao aproveitado.

34 Habitado ao caos recolhido
em fragmentos ressurgido poeira
cós mica. Cômica ilusão da elipse
terrestre e suas salvaguardas. Eternidade
pronunciada em ondas reflexos e resíduos.

O personagem aborda o plano
magnético e transborda o universo
observável na ficção adotada em inverdades.

35 Não sou azar e sorte. A neutralidade
despreocupada do suporte: força
utilizada na execução da sentença.

Vida e morte.
Recomeço no personagem
abissal do nada: torvelinho e paz.

Retirada.

36 Ouço o choro do recém-nascido
e sei da sorte lançada em dia
de águas curvas: na imagem
sinto a dor da descoberta
no embaralhar da construção:

sou nada e estou vivo
na presença de quem sabe
no nada a parte principal.

O personagem é o preço
inercial da passagem.

37 No instante final do martírio
o ferro corta o ar em silvos.

Na floresta resta
a solidão do outono.

38 Do que é contado:
a mentira jogada à água
barrenta da barranca: resta o limo
e o lume:

o escorregar do personagem tenta
sustentar o corpo na seca terra

o lume
anterior da fogueira
enegrece sombras.

1 Ouço sua voz dizer da rotina
e do cansaço. Digo da novidade.

Esconde as mãos sob as vestes.
Desvisto a imagem.

Onde estamos é o dia
da tranquilidade iludida
em versos pela superfície.

2 De onde viemos diz do trajeto
e demonstra pés em chagas. Lembro
pedras ásperas entrecortadas.

Mostro minhas mãos alisadas
e ternas da passagem.

Vivificamos recantos repostos em atos
de empedrados sentidos. Inconscientes
trazemos a imobilidade.

3 Habitamos a cidade em dezenas
de anos. A estrada se faz descaminho
de pedras limos em leitos.

Descobrimos o trajeto espiado
do outro lado: mentira
diz a voz
na mentira
que repetimos.

Em falsas promessas
de desconfiança a voz se eleva
em gritos de agonia.

4 O sol nos desabita em humores.
Ressaltamos a vista no penhasco

longe
sobre a água
a pedra
guarda.

O pássaro sobrevoa o horizonte
na restrição revista dos ardores.

5 A magia gera a incerteza na atração
do espelho. Medo recortado em sombras.

Até a metade.

Até dois terços.

Até quase o final.

Afinal o estado na profundidade
da vontade. Estágio antecedente
ao início. Reinício a pedra
exposta na concretude da matéria.

6 Mal nos orientamos na modificação:

antes janela

pedra

antes chaminé

pedra

antes porta.

Levamos ao obreiro cal
cimento e água.

Tem as ferramentas com que inclui
pedra sobre pedra. Observamos
gestos mecanizados à parede na altura
incorreta em que nos escondemos.

7 Melhor assim.
Antes tarde.
Até que enfim.

Devemos acatar as ordens.
Recolher os cacos.
Costurar a parede.
Colher pedras para o próximo dia.
No devir do gesto.

8 O emprego alimenta o sonho
de irmos embora. Outro dia
libertado em ocidentes.

(O medo ultrapassa recordações
e adeuses: talvez os corpos sirvam
pedras dignificadas em aras).

Alimentos empregam mesmas coisas
e desatam tormentos: o dia comparece
na efígie indecifrável.

9 Ainda ontem estávamos felizes
em brincadeiras e jogos: bebemos

a possibilidade de nos aventurarmos
ao futuro desconhecer em mito
embrionário do deixa disso.

Ontem o dia claro em conjecturas
sobre filhos pequenos em progressos.

Rimos a suficiência de estarmos aquém
da imprevidência. O choro da criança
era bússola de ingresso entre perdas.

10 Desde quando nos dizemos amores
traduzimos a certificação da diferença:

alegamos salvos condutos.

Com cabelos molhados
tornamos o vento escravo
e companheiro.

Acumulamos poeira na formação
da pedra: a hora se faz meio dia
e convencionamos a noite limite.

11 Construimos datas
ao lançarmos
o corpo à terra
na exatidão
da permanência.

semeados em dias
brotamos pedras
e raízes se fragmentam:

o alimento permite ao corpo
a recompensa da transformação
em outros elementos. Absorvemos
da terra a permanência e das folhas
o teto que nos esconde.

12 Guardados em nós
anotamos a destruição
das melhores ideias: a vaidade
procura a perpetuidade. A lágrima
demonstra a derrocada. A incerteza
processa o descalabro. O dia
finda em fatuidades.

13 Preso entre horas.
Livre sob pedras.

Vivemos na expectativa
do inusitado. Contentados
com o inaudito.

Sobre a pedra o dia grafado
em lembranças.

14 Jogada contra a água
a pedra muda o dia

transmuda a esperança
em concreto gesto:

o desespero na uniformidade
encaminha corpos ao delírio:

a tela ostenta a impropriedade
da angústia: o dia compara as horas
em metódicas pedras sobrepostas.

15 Avançamos episódios.
Ao contento lamentamos
oportunidades oferecidas:

o mesmo dia
dizemos
melancólicos.

O espaço compartilhado
na pedra: raspado couro
em apagamento.

16 Um jura o absoluto
outro cala a inconsciência
ainda travam a porta ao avesso.

No viés da sorte
acenam lenços.

Outros jogam fora as pedras.

17 Merecimentos em frestas insondáveis
transitam elementos estritos no senso
incomum: a vaidade encastelada em terras
inférteis elenca a sisudez na verdade.

Triste saber
que brechas se resumem
em ilusões e erros.

A mentira em pedra contempla
o dia perdido em maiúsculas.

18 O inconstante vigora no todo
sempre: desde quando o menino
percebia incertezas na amizade.

Repor pedras à montanha
desbastada em rápidas pinceladas
ignoradas no quadro: moldura.

Dizemos do sentimento finalizado
no dia antecedente: jogamos a pedra
sobre a colina e perdemos.

19 Chamados do que não somos:
somos sempiternos
adolescentes esvaziados dos sonhos
da maioridade: trabalhamos
e mantemos nossas famílias
e falamos mal dos outros
na insignificância
da realidade.

20 Talvez não tenhamos ouvido
o grito: alto
e bom som não tenhamos entendido
o silêncio. Olhamos os astros
e nos confundimos em planetas.

Talvez tenhamos visto
apenas
as luzes
da aeronave tardia em busca
de pouso: ave passageira
desprotegida contra as linhas
de chegada.

21 O barulho é consequência
do medo: letras na necessidade
do reconhecimento.

(a competência
- profissional – se acumula
em sentenças desprovidas).

Preferimos palavras para acalmar
as pedras em gravações amadurecidas
no consentimento

22 A contrariedade em dias
alcançados
sob os olhos é revisão da sentença
na provação da vontade.

Passamos ao largo
e revemos o barco
contrário ao vento.

Espaço tracejado
da condenação em busca
da tormenta.

23 A dificuldade grafada
no dia
empedra
o reconhecer
para todo o sempre.

O rumor do cinzel
no descobrimento.

Estamos acordados
e ainda é cedo.

24 Insana
idade: buscamos a ideologia
da saciedade e rumamos secos
leitos de amenidades. Trocamos sins
e nãoos. Não somos seriedade.

Ter o passado condensado
em ideias pode não ser a imensidão
nostálgica do inconstituido. Pode
ser a renúncia ao apetite.

A boca fechada repete o rito.
Moscas esvoaçam consentimentos.

25 Aos bois nomes dados soam
animalescas ideias. Não se reconhecem
em chamamentos. Ruminam dias
desperdiçados em paisagens.

A finalidade restrita em horários
conduz os animais ao matadouro.

Sobre a pedra repousa
a ilusão da luz
amortecida em quedas.

26 Adiantados da hora
recriada sonhamos
dias acordados.

acorrentados no espaço
percorremos a inutilidade do esforço
e nos dizemos
avivados
em sons. A avalanche
em rápidos comentários.

O dia se anuncia após o outro.
A noite se recolhe em pedras
amanhecidas.

27 Entre o descalabro e a formiga
pendemos os olhos em silêncio:
adivinhamos o inconstante de lugares
marcados em desconhecimento.

Somos terra inundada em lágrimas
e sorrisos adquiridos em labores
adiados: oferecemos consequências
como castigo.

Formigas apressam
a marcha e o dia permanece
em dilúvios.

28 À possibilidade do retorno
opomos a dificuldade
engessada na coordenação
do que aos poucos
sabemos
impossibilidade.

Chorar sobre consequências
nos faz acordar o dia
no resultado
da pedra carregada.

29 Dia sobreposto na pedra
descrita em verdades.

Rosto em retrogosto.
Vinagre.

Nem sempre o dia se completa.
A pedra permanece
solitária no anoitecer.

30 Apostamos o suficiente
em pragas. Palavras vãs.

Enfeixamos termos.
Despertamos átimos desconfiados
do prosseguimento: presos
ao consenso
libertamos a imprevidência
e vemos a pedra
retirar do muro
o arrimo: vislumbramos
a igualdade e nos conformamos
ante a providência.

31 A última cartada é descoberta
da sobrevida: resquício da saudade
entremeado em cimento
areia e água.

Argamassa. Muro.
Dia repleto em inocências.
A criança revolve as mãos
na terra desconexa.

Sobrevivemos no resultado
minimizado do atropelo
da pedra sobre o corpo.

32 O dia pesa a importância.
A corda amarrada à pedra.
Fôlego e desaforo.

A vida no dia desfeito
em desperdício: a pedra
pesa a impossibilidade
do retorno.

33 Indecisos dias resolvidos
metodicamente. A mecânica modera
atos. A moça espia pedras
através da janela. Decisões resguardam
o espírito no disse que me disse
do entardecer.

34 Não são pombas pedras
recortadas em reclamações
e lamentos a predispoem
o desperdício. Gastamos dias
em repetições na cena
que desilude reações
na aceitação dos fatos.

Olhos
enxergam pombas
sobre pedras
deslocadas em mares.

35 Cobertura de notícias alçadas no segredo
dos mistérios recontados.

Pedra sobre
o todo. Calados observamos
a história descontada em excessos
cometidos pelo observador
 isento
 ileso
 inerente ao preço
 da conquista
 pelo dia observado
 à pedra: cobrimos o magma
 das petrificações descobertas
 em veios não navegados.

36 Luz acesa. Ainda é o mesmo dia
das recordações não acontecidas
teimosas
em queimar imagens
repletas
de reconhecimentos.

Repetimos a vantagem
de estarmos em casa: avisamos
sobre a impossibilidade mantermos
acesa a lâmpada da sala.

37 Aproximados tocamos o corpo
reagente no dia indeterminado
pelo espírito algoz do sentimento.

Tocamos a miragem além
do compromisso exteriorizado
em gestos de ternura.

Tenra carne em formas
de se fazer prazer e gosto.

O dia desconcerta a casa onde
nos guardamos
do imediato fornecer ao corpo
intocado o gozo em que nos perdemos.

38 O instante grafitado permanece
em meio à parede: derrubamos
o mito entre risos
rasgados na extensão
descoberta em estrias:

extraímos a roupa modificada
em modas passageiras.

O risco concede ao espírito motivos
para o desenlace: a palavra não assusta
nem se coaduna em desgraças.

39 Interlúdio: bravo gesto ainda
sério: série desdobrada. Esperamos
a canção terminar em choro:

um dia após o outro falamos
sobre dores de cabeça.

Em jogos lúdicos batalhas
transitam seres iguais. Modelamos
o jugo instruído em delírio.

Repousa a pedra na beirada
separadora do dia. A vista pontifica.

40 A notícia valoriza a versão do afeto
em algaravias: chefia a realidade.

Amolda. Transfere a cópia
na diversidade do discurso.

Complexa operação transportada
ao nada pelo lugar comum: sobre
a versão da pedra deslocamos palavras
em agregadas faixas
de bem dizeres.

41 A dúvida em benefício
se apropria da extensão:

o rarefeito
ar refeito
na refeição

endividado o corpo obedece
ao instinto: erguemos barreiras
no encontro e nos distanciamos.

O dia anoitece finalidades.

42 Absolutos em crimes sentenciados
ao calabouço: a clareza sintática
da sentença ilude a demonstração
do afeto: a florada raiva resguarda
o desafeto. Despertamos o nó envolvente
na garganta. Em sacrilégio destoamos
loas ao carrasco: o primeiro
sinal de insanidade alvoroça
o discurso: no comum dos sentidos
reprovamos o verbo intransigente
e nos afastamos. Deixamos na pedra
a incongruência do sentido
na consecução do dia remarcado.

43 Palavras grafadas em letras
garrafais: maiúscula proeza
reduzida no grito primordial
da insolência. Dia sim
dias também
a luz ofusca
a tristeza

a solidão ofende a terminologia
das palavras reescritas no dia
entrevisto em rápidas letras:

raiva reconduzida
na pedra à deriva
no desvão do dia
encoberto em sombras.

44 Nada além da sombra:
o escuro irrespondível
cessa a luminosidade
inexequível: turva a água
no demonstrar a parede
nua: nenhuma sombra
termina a tarefa.

A pedra ostenta a seriedade
irretocável do mistério.

The image shows a book cover with a dark, textured background. At the top and bottom, there are decorative horizontal bands consisting of multiple overlapping, wavy lines in shades of gray, creating a sense of depth and movement. In the center, the title is written in a bold, white, sans-serif font with a black outline. The text is arranged in two lines, following a slight upward curve.

**SOBRE LEITURAS e
DESENTENDIMENTOS**

1 O texto explicita gostos: mente
inverdades distraído em obviedades.

A leitura contemporiza
o estado espiritual
do leitor no confronto
entre o texto e a ideia inicial
gerada em histórias inacabadas.

textualmente no papel
a resolução do emblema
no programa conduzido
ao vazio da interpretação.

2 Diversas formas
compõem a informalidade
do objeto. O contraditório
na contrariedade.

Respostas embutem facciosismo
na elementaridade do elástico
levado ao limite. Diversas formas
conduzem mesmas palavras
no desiderato do absorvido
na totalidade.

3 Paro
e penso. Resolvo.

Reencaminho a redação
em refazeres: esqueço loas
e bandeiras. Duplico o esforço
no desentendimento: leio no esboço
a irracionalidade do adjetivo.

A oposição do tema
no diário
arremedo
de ir vivendo.

4 (Vendo a vida em manchetes
resumidas no não acontecido).

O atraso significa avanço
no campo inimigo: justifico.

A releitura situa o texto
em passagens conhecidas.
A reafirmação do tédio odioso
de que sempre estive aqui.

Não abro o volume no espectro
decorrido em letras garrafais.

5 Gasto o espaço em palavras
no esmaecer do tempo
inexistente: consinto ao vento
a passagem na benfazeja vontade
de dizer e ouvir.

Trago o sentido
drago o inconstituido
ondeio a tentação de ser
o inimigo: desentendo
páginas originadas no pensar
em ser e fazer.

6 A leitura de obras antigas
em roupagem adequada
à linguagem de hoje
subtendida em trechos unificados
de histórias e contos inferidos.

Ativo a memória
ao despercebido
na gestação do fato.

7 Em seus olhos
releio: adeus.

No desentendimento
percebo a inércia
do retorno.

Compreendo o sentimento
no fluir a caminhada.

8 Outros contam desejos
não proibidos no oferecimento
em letras amiudadas no texto
de descritos choros
e tragédias.

Nas entrelinhas permanecem
risos incontidos de histórias
recontadas.

Descrevo a leitura em voz elevada
é – ao mesmo tempo – traduzo
recolocar no ambiente a vida
como necessidade.

9 Quem lê no conteúdo o detalhe
furta o todo: fruto
apodrecido

o desentendimento viceja
campos incendiários
e pedras recolocam
montanhas na paisagem.

Reposto em ecos o som
textualiza inverdades.

10 Abstraído em letras
o texto permanece
indelével desentendimento:

o precursor discurso
ovacionado
hoje
em risível esforço
de memória.

11 Não nos entendemos
em mortes
decretadas: reluto rememorar
o discurso.

Reafirmo a glória das palavras
na língua originária
do caminho
transcorrido em lutas
de sobrevivência.

12 O significado da leitura
debruçada sobre olhos
incrédulos em novidades: o desatendimento
brota linhas
remetidas ao final
do texto. O poder da palavra
em desencontros. Bilhete
relido na espera.

Desatendo versões
literais na obviedade
descoberta no sabor
do acontecimento.

13 Convenço o leitor da importância
de guardar a essência
no esquecer o restante: desistência
das causas maiores.

Amadureço na eleição
do tópico elencado: entendo
a contradição criptografada em bilhetes
entregues aos pombos atingidos
em voo: desencontro.

14 Tantos parágrafos efetivam
textos incomensuráveis: passo
os olhos no palavreado e recomponho
o tema
a trama
a tratativa.

Entendo a inconsistência
cobiçar o oposto ao solicitado.

Regresso sem que a resposta
atenda ao conteúdo.

15 Fidelidade recomposta em lágrimas
borrão
a mancha na mão
é prova e provocação: releitura
na indefinição do estado

estudo assoberbado no espírito
compreendido entre elétricas
químicas
metafísicas
formas de reconhecimento.

16 Pergunto da possibilidade de ler
em voz alta. Falo o texto
declamo
dramatizo
a frieza despontada nos olhos
da emoção. Traio a razão impensada
do autor e me faço partícipe. O som
altera a significação na criação
indevida das respostas.

A voz ignora desentendimentos
propiciados pelas limitações
do grafite na mão que escreve.

17 Repito palavras.

Repilo o texto.

Desconsidero.

No desentendimento tenho o reverso
do pensado na história.

(por isso)

Repilo o texto

desconsidero a palavra

repito a ideia ao espelho

ante a luz

apagada.

18 Concentro a ideia substantiva

da felicidade em páginas de romances:

história construída no ritmo da leitura.

O início ilustra o meio sucedido

em desfecho: felicidade desacompanhada

do entre trecho. Texto em desafortunados

personagens recriados à imagem

do conhecimento. Tragédia

anunciada em tema de novela.

A revelação no desentendimento.

19 Reinício a leitura
em pontos adjacentes
no desconhecer da vida
o motivo. Elenco
o anverso da existência.

Desagrupado em essência
tenho a condição do mestre:

desdobro a leitura
em distantes letras.

20 Na descrição desobriço o leitor
das minúcias: ganham páginas
contidos sonhos de descrições
repetidas. Fixo a árvore
e a casa. Deslustro personagens.

Opaco em memórias
deixo em branco o local
da pugna. O desentendimento
opõe a leveza da palavra escrita.

21 Significo objetos na tradução
da serventia
 nos personagens a situação
interpessoal rompe medos.

Espaço decidido no imediato.
Miséria e riqueza opostas.

O entendimento demonstra o gosto
pelo regresso anunciado
em poucas palavras.

22 Édito. Sentença irrecorrível.
 A leitura pelos olhos do carrasco.
 Dor.

Cabe ao condenado ansiar
o restante. Condoer-se.

Desentender em si
a comoção. Não chorar
 ao implorar desígnios.

Completar a leitura em cada
rosto aproximado. Sorrir.

23 O riso em acontecimentos
transforma em sorrisos
rápidos as lembranças.

Leio títulos
desdobrados em breves
capítulos. Capítulo
ante o desespero.

Desentendo.

24 A resposta lida
relida repetida
como mantra.

Dia após dia
em desentendimento.

Falta a formulação da pergunta
na imposição do nexos: significado.

25 Razão elencada
em consenso. Inconsentido gesto
de ternura na exasperação do profeta.

A leitura enriquece o conhecimento
no destruir o mito: nenhuma
divindade se sustenta em páginas
descarregadas de palavras
ininteligíveis.

26 O orçamento
o cronograma
o diagrama
a cantiga de roda em crianças
crescidas nas ruas confluentes
de suas histórias: mal
se cumprimentam ao se cruzarem
em dias adultos.

Desenho códigos e os penetro
em descaso.

27 O hábito visto de longe (longos
caminhos). Olhos seguem o texto linha
por linha

em alinhavados ditos impopulares

alongo o desnecessário submerso
em medos. Não me entendo
na compreensão dos adjetivos:

olhos vislumbram além do texto.

28 O texto descose a ideia.
Casaco retirado ao corpo.

Agasalho.

- Pertenço ao lado irrisório
das sentenças
onde abduco conformidades.

Rio da incompreensão
elevadas em ares no concreto
desmerecer da oportunidade.

29 Não o que está inserido
na leitura. Entonação
e compreensão.

O homem sonha escuros lugares
de divertido prazer. A mulher
aguarda notícias de quem
está além da invenção.

30 Desprendido em avatar troco o símbolo.
Assimilo. O verbo aciona minha imobilidade.
Olhos fechados. No som das palavras
tento dizer dos amores.

Rasgo o papel intruso e desconexo.
Minhas mãos manuseiam passados
e se ofertam em picadas estrofes
de futuros desprevenidos no assomar
merecimentos.

31 Assinado e sacramentado em profano rito
de reconhecimento. Desdito em letras
amiudadas com a que a hora
retorna o movimento de origem desfeito
em risos de melancolia. Ao demônio
que me arbitra em empréstimos cabe
a desdita de me haver criado em semelhante
ideia de desentendimentos.

32 Medida acertada entre as partes.

Parto: nasço
na elevação artificial de elementares
saberes declarados participantes.

Compacto a forma no extremo
gesto de reconhecimento. Arbitro

o gosto: bom e mau
mal e bem
no benfazejo grito
da vida em agonia: vivo
da ideia apagada no solstício.

33 Pagamento do que não está entregue.

Imensidão: o vazio abomina a ocupação
no cercear lados
em ângulos. Ponto na vista
do extremo. Troco recebido
em contenda de base irrefletida
na imagem em saudades. A imensidão
congrega dentro
e fora
do contexto: a briga
consome o restante
do ensinamento.

34 Olho pela janela. Leio o horizonte.

Busco o que avisto.
Revoos esperanças na destinação
do som. Ouço a passagem
do corpo no infinitesimal
da obra declarada.

A nuvem tolda. A chuva rasga.
O raio recorta a leitura.

Sobre a terra iludida
ressoo passos disparados.

35 A palavra aprisiona. O grito
liberta a dor em exemplares
reabertos no delírio: sei onde dói
e o medo se localiza
no vértice.

O texto oprime na impossibilidade
do retorno. Corto o desnecessário.
Sobra outro texto.

36 Vou ao encontro. Levo sob o braço
o volume inexecutável dos adjetivos.

Entrego o tomo
no primeiro contato.

A leitura percorre
palavras soltas. Sorrio ante
a dedicatória e peço o beijo.

O exemplar suspenso entre
a toalha o prato o copo
e talheres.

37 Exemplo. Na quarta capa reside
a explicação do todo
sem se tornar
outro tanto
desvinculado.

Na comparação entre síntese
e sintática forma repousa
a diferença entre o que está escrito
e a leitura.

38 Pedem que refaça
o feito: a incoerência
nos olhos dos outros
e a simplicidade
da palavra. Escrever significa
reler fatos no avesso da realidade.

Por mais que a imite em terras
circundadas em vidas aleatórias.

Pelo contato impossibilitado
dos personagens em notícias
não editadas.

39 A busca incessante da leitura
compreendida no âmago
do ânimo: mínimo
procurado na maior parte
desconsiderada. Olhos
perambulam páginas. O espírito
essencialmente ágil
se afasta
em releituras.

40 A transcrição da palavra
na imagem: a força do impropério
perde bocas não oportunizadas
no desfecho. O beijo descreve
a inutilidade do olhar. Tremor
suspeito em artimanhas
na demonstração das mãos.

Transposição da visão
em mero desamparo.

41 Abertura em sorrisos
nas questões em aberto
no conteúdo programado
em fechos. Despedida
nos votos de felicidades.

A insinceridade
controla cada espaço
na desnecessária oferta
de lembranças e saudades.

42 Não me faço em obrigtoriedades.
Prefiro acasos de inverdades.
Texto deslustrado na imagem.
Leitura apostada em desenlaces.

Fábulas traduzem
amoralidades. Animais
em peles humanas.

Aos deuses oferto desiguais
textos e olhares.

43 Parcimônia do aparato na insegurança
desnecessária no paradoxo
da complementaridade.

Na obviedade do estilo repouso
na inconsciência do leitor: elejo temas
em emoções comezinhas. Rasteiros
olhares sobre mesmas coisas.
Implemento o medo e me aguardo.

44 O leitor dificulta a trama: busca
além do contido. Tergiversa
ansiedades na descoberta
da personalidade demonstrada.

Elege condições defensivas.
Ataca a condensação no desconhecer
na inversão o fato despercebido.

Incorpora palavras em vestimentas
anímicas. No espelho reflete
a mágoa anterior
ao texto.

45 Desatenção: na dislexia sons
se multiplicam
em desconformidade: sentido
alterado da verdade na diferença
acobertada. A atenção redobrada
redescobre significados inexistentes.

Armadilha
e ardil.

Argila descozida no refazer
o texto na originalidade
do ato. A prática inverte
a leitura desconectada.

46 A poesia se alonga além do poema
que é meio e forma de relacionamento.

Explico o significado ao leitor
aflito em afinidades: palavras
escapam dos reformatórios
e retornam na simplicidade
imaneente aos temas: recursos
ambientam o leitor e a sinceridade
absolve o autor das conseqüências.

47 Não há retorno
que o entorno
contorna a apreciação do início
na conformidade em seguimento.

Acima do elemento criador
reside a criatura não criada
na fonte do conforto

da palavra escrita
em lugares diversos
de suas simetrias. A fonte
é forno no fogo da leitura.

48 Hábito
habitação
habitualidade.

O desatendimento realinha
o segredo não revelado.

A revolta escolta ares
aprisionados aos olhos.

A leitura é significar na oposição
a verdade em ditos sacramentados.



1 Sobre a noite em verdades
digo ofensas ao dia passado.
Não sou acidente derrubando
o corpo ao pisar a corda
do sapato. Explico a inverdade
sob aterrorizado grito
de mais nada. Apuro o salto
e transgrido o apressar
da noite transacionada na derrota
em que me faço esconderijo.

2 Perdido orgulho
ergo a voz ao esquecido.

A corrida desabala
o interior da fase.

Face à face:
mostro o amargor
e o âmago: a história
reduz a serventia no erro.

Iludido saio à rua
e descubro o vício
de caminhar a esmo.

Isso mesmo:
aqui me habito.

3 O motivo tem idade
no decorar ambientes
vistos sob grossas lentes.

O desalento joga fichas
ao eterno – abuso –
deus desafortunado.

O acaso cessa a busca
instalado em lugares
guardados dos sérios
homens negociando coisas
inalcançáveis: eis a morada
e suas consequências.

4 Sei por outro a verdade.
Faz de conta. Faço contas.

Do combinado entrego
a trégua em brancos
panos encerrados.
Discurso músculos
ao dia vindouro.

Saber significa
finalizar entre
mistério e trabalho.

5 Avisto: a matrícula
assegura a permanência.

Acredito. Creio
em histórias desproporcionadas
na seriedade do assunto.

Nada tenho entre diferenças.
Desisto da casa.
Recuo adiante do perigo.

O aviso aluga o imóvel
na proximidade do comportamento.

6 O verbo conjuga a indiferença
no ajudar o próximo a atravessar a vida
em conjunto. O crescimento resguarda
acontecimentos esvaziados no passar
dos anos em sinceridade.

Sempre estive aqui
e o mesmo lugar
cristaliza o som:
lágrimas derramam a finalidade
do silêncio em estardalhaço.

7 Alguns retornam
em escapismo:
mentem a ilustração
e desfocam sutilezas:

acontecem sonhos
irrealizados. A mente
comenta a realidade
do conjunto. Dilata
possibilidades. Apaga
a inexistência da casa
no tanto iludido.

8 A revolta reconduz o ouro
à mina. Mistura elementos.

A moderação insaciável
do combate: falo sobre
acreditar nas palavras
acaloradas em rosas.

A gaivota expele o ar entre asas
e vantagem o corpo no desfiladeiro:

habita a possibilidade de revoar cálices
despovoados em seco corpo.

9 Sentado em predileção
assento os pés sobre o terreno
coerente do arcabouço:

desterrado sinto a vaidade
diluída em rasas águas.

O sorriso mente.

O esgar transmite ao corpo
a mancha imaculada da roupa
na imperfeição da trama.

O êxito é sentimento
abstraído no nome pronunciado
em casa comida e roupa lavada.

10 Sorrio a incongruência
da solidão: engraçado
penso no imediato
alento da repetição
na palavra. Sei
o desnecessário.

Ao aventurar-se em querer
descobre a insolência da casa
de fechadas portas
em mangas de camisa.

11 Resto do tempo.
Descuido.

Observo a competência
em desdobramentos.

Tenho. Tive.

O lar resguarda a amizade
em gelo: o congelamento
da esperança na música
insinuante em temas desnecessários.

Por isso vou
embora.

12 Quase sempre o som
arremete a pobreza
ao desconforto de estar vivo.

A lividez do cadáver significado
na opulência da morte.

Cada guarda-roupa despido.
Prateleiras repartidas. O chão
repleto de pisadas em desatino.

13 Se a casa
estiver ocupada
pela estranheza
dos rostos
desconhecidos: não
viro as costas
e revolto
à casa imaginada
na infância.

Reclamo sua presença
e digo adeus
em reconhecimento.

14 Entre pedras
medra
a desconfiança
no afiançar
das coisas
imaginárias:

além presido
o destino: estio
na terra desertada
dos espíritos.

15 Aceito o despropósito
do escândalo. Divertido
entre divisões e somas
adicionadas em sins e não:

a voz repele o engodo: digo
da consolação no corpo
em seco desaconselhamento.

Escancaro o tempo
no espaço e perco
a distância. Homem
remoçado em mulheres
escolhidas.

16 A raiva conduz a insignificância
no despropósito. Elege a sina.
Assassina.

Desconstruo a imagem do lar
em águas: busco auxílio em passados
afogados de futuras impossibilidades.

O propósito da autoridade
conduz o cidadão no delírio
da providência: apago luzes.

17 O reformatório desdiz
a ansiedade de estar aparente
no sufoco da terra recolocada
sobre o início: escavações
reduzem distâncias no hoje
penetrar a anterioridade:
sou assim e o grão amassado
reproduz a imagem das mãos
em súplica. Alimento
a totalidade no detalhe
despersonalizado na notícia.

18 O esconderijo
no extremo gosto
da ocultação reflete
a inércia do gesto.

Não olho
e me declaro inepto
no desdobrar a vida
em capítulos. Recapitulo
a orfandade de pais
avivados ao necessário.

19 Novidade: a casa
expõe a saciedade
em cortinas descoloridas
ao jardim desprovido
de flores artificializadas
em casos: mãos
gentis no tratamento
do pano
e alinhavados desenhos
desprovidos de sensibilidade.

Por dentro a casa
reflete a imagem dos habitantes
distráidos em insônias
de corpos cansados
em extremos.

20 Quero o desconforto
de ir embora: pés partidos
na oscilação da espera.

O desespero habita o contrassenso.
Na manhã avisto o pássaro aonde
a descoberta desnuda a insuficiência
na vontade atropelada pela racionalidade.

21 Estar em mim
e mesmo assim
ser eu mesmo:

mesmerizar a solicitude
no sofrer a doença
do reverenciamento.

Algum dia a morte
descobrirá o sofrimento
onde me esconde.

22 Na hora em que sou
desdito: a honra abriga
a casa entre paredes
de conhecidas ranhuras
e tintas descascadas
em passados. Horas
em perguntas
de espaços distribuídos
em insônias. Vejo a construção
abalada na fortificação da espera.

Esperta forma
penso e distribuo
a poeira pelos móveis.

23 Tenho oferecida a instância
derradeira: corredores prolongados
na injúria e o grito permanece
eco. Quadros
 esculturados
 em papéis empedrados
na droga de vida: revisto em baleias
expostas nas janelas
olho o fora: dentro
percebo a clarividência
de ser a escura forma
das portas fechadas.

24 O oposto desinformado
na petulância do corpo desavindo
 não se transforma na permanência.
Em esgares sofro a transmutação
da essência: quem a sorver a angústia
da campainha. O despertar da eloquência
discursa dogmas recriados ao sabor
da ventania. Venta.

Pauso trabalhosa ação das mãos
sobre a roupa: no revés da casa reconheço
a mala carregada.

25 O corpo sob escombros
sofre dores intermitentes.
Escuta vozes indecifráveis: ontem
a casa era a única defesa.

A espera gera a ordem
transmitida no deboche
de estar presente
na tragédia. A trajetória
do eclipse satisfeito
no ato imperfeito. Falar
cansa o corpo retirado
da casa destruída.

26 Ressentido comportamento
sobreposto à roupa na mala
em fuga: trãnsfuga.

Foge na reconsideração
da possibilidade de o gás
consumir ares homiziados:
horror e droga. Drágea
partida na economia
das palavras. Sinto
a desinformação.

Nada do que for dito
será utilizado como prova.

27 Entre a cama
e a porta
o vento ressoa
antigas palavras
de promessas
e arrependimento

(vãs intenções
despropositadas)

entre a porta
e o enredo
transitam camas
desarrumadas
no anoitecer.

28 A mãe multiplica os pais.
O pai ressona o almoço.

Crianças alvoroçam
a tarde em despedidas.

A luz acende o jantar
e no apagar residem oportunidades.

A mãe multiplicada
em sonhos. O pai
acomoda formas
desaquecidas.

29 Recebo visitas
na cordialidade
do momento. O café
esquenta as palavras.

No silêncio me despeço
com carinho. Porta fechada.

Guardo a intensidade
do reencontro. Anseio
a despedida.

30 Estive aqui
em utilitário treinamento:

combato a elasticidade
no crescimento e me faço
maior do que a casa.

O apetite consome a sede. A aspereza
da inverdade conduz o corpo ao exagero.

O lugar permanece
intocado em peças
descosturadas.

31 Minha avidez
reside permanências.

Ouço o bater dos talheres
no retinir dos copos.

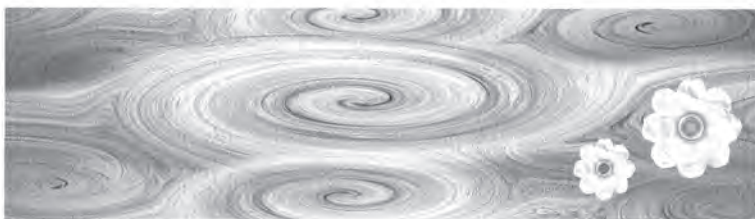
O cão aguarda
a passagem do amo.

O atraso científica
a confluência: embora
tarde ainda é presente.

32 A obviedade escraviza o medo
e o retorno não acontece. Tremo
a possibilidade do esquecimento.

A mão traça a trajetória ante o rosto
impassível: anos dizem do caso feito.

Não refaço malas
nem ocupo cabides vazios
de possibilidades. O hábito
me faz distante e desprovido
de piedade na casa fechada.



SOB(RE) O MELHOR DOS MUNDOS



1 *Na recondução do gesto
em deletério instante naufrago passos
e nego o irrespondível.*

*O mundo em melhores horas
supera o desgosto nas flores colhidas.*

*Recolho serviços e me faço desapontado.
No início restante sou comprador. O barulho
se alonga: renego a flâmula
com que o mundo me melhora.*

2 *Reafirmo a crença. Cresço interiores
revisitados. Guardo minha história
na agressão adjetivada em revistas
formas. Sobrevivo afortunado.*

*Sou surpresa agastada à porta
no cartaz fantasioso que simboliza
o que tenho. Meu mundo na melhoria
do desequilíbrio sempre indesejado.*

*O ranço em mãos inoportunas
cerceia o coração em delírios.*

3 *A solidão ridiculariza a caminhada.
Oferto a face maltrapilha ao escárnio.*

*O riso envergonhado
em preconceito. A vida
assassina confusões.*

Medo de estar no mundo das melhorias.

*O processo regionaliza a terra
em estéreis teses desabitadas.*

4 *A ponte atravessada é ponto
de partida.*

*O outro lado isola
o continente ao nada.*

*A história férrea
dos dizeres
no lado oposto
o sentido.*

5 *A aranha refaz*

*a trama: sete contas
acertadas.*

*Vistas as expectativas da chegada
o frio empresta ao turista a necessidade.*

*Teia tecida: o frio cobre a terra
congelada. Sentimentos
quebrados em gelo.*

*(Abasteço o copo e reconforto
o corpo em destaque).*

6 *Inundo o texto sobre águas
no conservar o olhar pedido: horizontes
revisados revistos revisitados.*

*Ofertas se multiplicam
em lances de repetidos valores.
Mundo revertido
no primeiro preço.*

*Descortino o restante. Recolho
amarras. O texto naufraga o realizado.*

7 *Sou no interior da esfera o limite.*

A tangência onde repousam forças.

O arresto dos bens comprometidos.

*O acerto de contas das ramificações
no desgaste natural do prisma.*

*O limite inercial da terra
na repetição do gesto.*

8 *Surdo em sacrilégio deposito a gorjeta.*

*Costume elencado
na configuração do gesto.*

*A imprudência paga
desnecessidades no absurdo
preço pelo restante da esfera.*

9 *Ofereço o espaço
entre palco e plateia.
Recolho o silêncio
repentino dos ausentes.*

*A melhoria traduzida
em animais errantes
de pátrias confinadas
em linhas imaginárias.*

*(O contexto no mapa reproduz no rio
o risco da montanha onde inseparável).*

10 *Dias se associam a deuses de trágicos
destinos desmembrados dos corpos
em postos de trabalho.*

*Culpo adeseus antecipados.
Cubro o corpo com a cinza
borralheira das histórias.*

Associados dias conduzem corpos apedrejados.

*A terra rejeita pedras no contato
onde corpos perambulam espaços.*

11 *Bebo da terra a essência. Embriagado
solto o corpo no espaço demarcado
em fronteiras. Cerca aramada em guardas.
Dos amores dispenso o cerco e nada ofereço
em goles. Engulo o seco despertar da vinha
onde rosas informam de colheitas antecipadas.*

*Abarco náufragos de frios momentos
libertários. Renego a fortuna em orações
sobre milagres não acontecidos.*

12 *Gravo o descálabro: amanhã será
o dia anterior ao próximo. Estarei
distante no alcance da mão inimiga.*

*A brabeza com que o amor
me configura passado.*

*Coloco o corpo adiante
da porta. Saio
em segredo debruçado sobre
a terra. Imundo imprecações.*

*O melhor vislumbrado
em descálabro: amanhã
no retorno na vontade.*

13 *Falo em cordas e ressoo o bojo
do instrumento em madeiras
recolhidas pelo avesso. Sons escalam.*

*A terra ressoa encordoadas vias
de passagem. Repulsivo adiante
a mensagem em luzes: cordas
de tempos afastrados
em cantos. Conheço no imaginário
o refletir da realidade.*

14 *Arremesso fronteiriças palavras.
Refaço respostas. O romantismo
me reflete em astros
e asteroides. Localizo no espaço
o contrassenso. Carrego sozinho
o ordenamento na limitação do dogma.*

*Arrebento normas encadeadas
em aprisionado recanto escurecido.
Dos sentidos sou observador
do ordenamento primitivo
entre gestos e desgostos.*

17 *Na dependência
da melhoria aguardo
o resultado. Anulo
apostas em desacreditados
números. Melhorias
são díspares em homens
igualados em negócios*

*(mulheres desigualadas
em negócios).*

*Avesso ao destino teimo
situações milimetradas
do atendimento na tendência
exemplificada dos segredos.*

*Melhor assim: sendo vítima
posso chorar águas passadas
e sonhar futuros: senhor
de males não completados.*

18 *Inundado corpo submerso em águas
ressurjo barcos. Falo nomes disparatados.
Forjo provas inconclusivas. Acelero o muro
ao desencontro. O corpo emerge na falta
de ar: sufoco.*

19 *Amores equivocados
em loucuras do passado
repetem futuros.*

*Apresento o corpo ao outro:
em abraços e beijos reafirmam
amores infínidos.*

(Finito tempo apaixonado).

20 *Na voz do calendário a solidão
da canção em azares pela casa grávida
no contexto da delicadeza e mistério.
O filho em berço alçado no giro
do planeta. Esboço mundos melhorados.
Venda e compra do que é traduzido.*

*Mães se ressentem da energia despendida
na confirmação do extrato: o perfume
encobre o erro do profeta.*

*Mães mensuradas em filhos.
A voz em única oportunidade.
O pai calado em desenganos.*

21 *Meu ceticismo*
destrói ilusões
e sonhos. Vítimas desconhecem
a morte antecipada. Na inocência
em testamento o medo
lança vigias fechadas no reconhecimento.

A descrença interrompe
o estar ciente de que a verdade
destempera.

22 *Dividido em fronteiras aceno a bandeira*
em impropérios na língua pátria.

Patriota na possibilidade
de ser o outro companheiro.

Estou em mim na projeção
da sexta parte da verdade no dia
assumido em compromissos.

O cumprimento ignorado na arma
sobre o ombro. A mira divide
o mundo em muros transponíveis.

23 *Desconexa razão: a fortuna expõe
o medo da perda
na revelação despótica. O pote escoo o líquido
na terra infértil da conquista. Irracional pensamento apreendido no
desatino da mortalidade.*

*A lança quebra na imprudência do ataque. Perco
a hora na conectividade das partes desmerecidas.*

*Escureço dias. A luz gerada no esforço
concentra no espelho as últimas sombras.
A razão desconsidera o sentimento. Escondo
a lágrima derramada na verdade exposta
do opróbrio entre partes.*

24 *Sobre desertos pés
cerceiam passos na tentação
do encontro com o demônio
em transações inexplicadas.*

*Terra solidificada em dogmas de entreatos:
na cor acinzentada por dias melhorados.*

*Em desertos gelados de esperanças a espera
se agiganta no tremer dentes apavorados: sei
do mundo irreal habitado em vicissitudes.*

25 *Imundo cão adjetivado na terra
onde rola: pulgas*

percevejos

parasitas

*gane o entrevisto
na ignorância. Repousa cansaços.*

*O mundo – áspero pedaço –
é sua luta pela sobrevivência.*

*Escuta o som das lembranças
e abana o rabo ao transeunte.*

*Áspera voz dispensa o gesto.
A pedra atinge o corpo despreparado.*

26 *Identifico no som a natureza
desconsiderada na possibilidade
de vidas paralelas*

diuturnamente embaló lembranças.

*Gesto o tempo ao relento
no som irreconhecível da presença.*

27 *A mulher espera a ilusão
no que seu coração
desconhece do afeto. Encerrada
em mesmices se desconhece.*

*A razão do homem despreparado
para o embate em incólume sobressalto.*

*O amor enfeita guirlandas
de passagens. À mulher resta
comentários em raivas.*

*Cabe ao homem envidar esforços
nas separações e escolhas.*

28 *Pinto a terra em detalhes: barco e água.
Céu anilado. Reflito a sombra
na hora finalizada. Reparo nos olhos
a incerteza com que a tisno em traços. Reflexiono
luzes da manhã precedente. Revejo na água
o desencontro em mundos inconsequentes.*

*Pinto a tela em detalhes
desterrados.*

29 *O caminhão distribui irmãmente
o lixo recolhido: recebe de volta
restos induzidos. Ávidos
destrinçam carnes
aparentadas.*

30 *O despropósito da inação em acordés.
Gritos: sentenças redigidas ao oculto
ser sedento em desculpas. A audácia
me manifesta no final.*

*Hora e honra dos atrasos
nos olhos da criança.*

*(O final do mundo ocasiona
conversas sem importância).*

*O despossuído na claridade abstrai
o sentimento na música: recordação
em nuvens e pensamentos.*

*(O mundo do conquistador gera
negócios na nebulosidade do planeta).*

31 *Ofereço o lance*

*lanço no vazio o canto
estéril das mortalhas.
Singro mares evaporados*

*sangue
sangro*

*no dever ouvir me faço mudo
amado e triste. Perdida vida
atravessada em gritos. Grato ao devir ignoro
a desgraça por estar aqui.*

32 *Aprendo a retirar do silêncio*

*reter da ausência
retificar na sentença
reafirmar a sequência*

*a providência realoca grades abertas
no encontro. O suor escorre o rosto
em sombras.*

*Aprendo a rearrumação do instante
perpetuado em ângulos diversos.*

33 *Levei anos para descobrir
minha estranheza diante dos fatos.*

*Sei inconsciente
a estranha forma
de dedicação.*

*Sei da leveza da solidão
no corpo espiritualizado.*

34 *Levei anos para me descobrir
sedento de artimanhas: sou arapuca
desarmada pelo pássaro.*

*Na mulher o perfume é equação
quântica do encontro no matemático
cálculo da dor na perda pelo corpo
entregue em desejos.*

*Falo amores absolutos
e no desespero das cores revejo
a mulher antecedente ao mistério.*

*O profano na permanência
de imanente desejo.*

35 *Desordenado*
atabalhoado
cerceado. Em etapas sucessivas
busco constância na libertação.

No jogo indefinido o resultado
antecipa avisos de improbidade.

Tropeço na ingrata força.
Rio tolíces profissionalizadas.

A liberdade permanece no acender
das luzes: vejo no futuro a luz singela
da entrega em ordenados sentimentos.

36 *Diante da porta*
adiante da hora
durante: reitero o veneno impensado.

Sou solucionado em notícias.

Refaço a cólera indistinta da presa.
Ante a porta entreaberta desatino
passagens: sou aparentado no extremo
beijo selado pela mulher passada.

39 *Ética: ingênuo dizer da proporcionalidade moral. Tempo atualizado em presente.
A recompensa finaliza o ato. Ingênuo pensar na recuperação do espírito em propósito.
Termos analisados no canto das sereias entretantos escondidos na totalidade.*

40 *Encontro respostas em esquinas. Serpenteio.*

A brabeza embeleza o sexo em pagamento da carne envolvida em afetos.

Saio de casa na necessária decomposição dos gestos libertários.

(A família exemplifica perseguidos na intenção diuturna da solidão desnaturada no ressecar lágrimas).

Saio de casa no momento das dívidas relevadas.

41 *(Escolhido para rasgar elogios
ao dono: proprietário e senhor).*

*Dispensado: discurso palavras
acantonadas. Reçolho a prolixidade
no exagero recomposto do ilícito. Penalizo.
Critico a vontade libertária em raios frígidos.*

42 *A divindade criada
no prazer
pelo medo. Pego do nada
a recompensa.*

*Mato o infiel
discípulo. Reçolho em escombros
a necessidade. Cobro o gesto.*

*Criado
na semelhança desassociada
dos amantes na ira pronunciada
em guerras. Grito
desesperado com que salvados
em infernos são diametralmente
opostos em teses desnecessárias.*

43 *No dinheiro ofertado em palavras
soletro letras dispostas em textos.
A anterioridade dos pagamentos
espúrios tilinta moedas dos cofres
reabertos em estigmas.*

*A palavra vende a ilusão da farsa
desmanchada em provas: desaprovo
a maneira servil de homens fúteis
se dirigirem aos guichês exigindo bônus
abonos
salvaguardas.*

*Letras depositadas em frases de não dizer:
acendo o fogo e ofereço a chama.*

44 *Porque sou ensinado duvido das palavras
espreito pessoas e me escondo na verdade.*

*Fatos assumem faces impenetráveis: olhos
e ouvidos. Bocas dizem orações mecanizadas.
O silêncio me afasta e no beijo rompo a face.*

*O medo inoculado na necessidade
horroriza a incógnita estampada.*

45 *A lâmina circunscrita na verdade
corta a raiz
espalha o sangue
acostuma o corpo em cicatrizes*

*o gume tangencia a face ao penetrar a carne
nos sentimentos aflorados em lembrança.*

A necessidade me faz futuro e apressado.

46 *Esqueço que a música transita lugares
desprezados. Não me contento
com a imensidão do som. Trancafiado
em murmúrios*

*grito liberalidades: palavras
calam minha vontade.*

47 *Cerca: arames farpados
separam
desertos
iguais.*

48 *Nenhuma glória
tragédia
epopeia
saga
história*

*apenas
contas a pagar.*

49 *A melhoria fotografada
em incontáveis cores: matizes
simbolizam céus e mares.*

*O sal corrói metais despreziosos.
Minério desapropriado em jazeres.*

*Amontoo fotografias. A caixa
reduz o ímpeto do passado.*

*A pedra sobre a tampa
encerra.*

50 *Escuto a ordem descumprida na essência
do grito pela primazia no espaço.*

*Revisto o fundo da gaveta com a roupa
de domingo - essência do silêncio oratório.*

*Reafirmo a condição desaparecida - encontro o juízo
na razão desprezível do adjetivo. Recomeço
a semana desencontrado na aridez
de olhar o final da sina. Significo.*

51 *Entrego em desculpa o último
pagamento. Na normalidade o ato
reflui a imagem do afogamento.*

*Lembranças desprezadas
emergem. Trago na pergunta
a desnecessidade da resposta.*

*A culpa cobre o descalabro presente.
Ciente. Onisciente divindade diz da vida.
Olvido a desculpa entregue na pergunta.
Amanheço outro dia na culpa necessária.*

52 *Aos tantos anos a idade repete
sinais: envelheço o corpo e o espírito
exercita razões aprisionadas à carne.*

*Esqueço dias anteriores
na crueldade da despedida.*

*Quisera gozar a livre vaga do mar
em mistério. A palavra no sonho
inacabado. Retiro do frasco o remédio
supérfluo: escorro a sanha decorrente.*

53 *Razões esparsas em escuras matérias.
Onde me desconheço gero medo.
Assoprados ventos no fogo
que esquentam a água.*

*Banho a matéria em perfumes.
Na escuridão receio a igualdade
na duplicidade nos querer.*

54 *Clamo mudanças estáticas
na impropriedade solucionada
em esteiras empalhadas no acesso
das folhas de palmeiras. Prático
a iniciação ensimesmada
do reconhecimento. Repito
versões no vivenciar
o fato na solicitude do sonho.*

*Mudo na planta o estame da fertilização
natural. Altero no inseto a concretude
atávica da modulação da espécie.*

*Recomeço o ciclo no fragmento
em concha. Burilo o minério
em véspera desautorizada.*

55 *Parar sobre a ponte destaca
o ócio em corrente saudade.*

(Porta entreaberta no corpo pela metade).

*Nego no tempo o uso do inerte fluir
na recomposta estática. Enérgica mão
acompanha o verbo. Entrego a corrente
inquebrantável dos adjetivos. Conjugo
verbos no delírio da descrição do ato.*

(Portas entrefechadas em copos inexatos).

56 *A igualdade tece o medo: fecho
os olhos e rejeito quem se apresenta
em reflexos. Imagino o retorno.
Quem se aproxima estranha o medo
quedar a ilusão no encontro:*

*sou uno
sou tantos na sobrevivência
dá chama em sacrifício.*

Seco fruto depositado ao vento.

57 *Eletrifico distâncias e me afasto.
No olho a imagem permanece.*

*O corpo estremece a necessidade
de estar perto. O corpo na diagonal
espreita espia espiona o contexto
sobre a cerca. Acerca do assunto
academizam o medo em sentenças
irrecorríveis. A teoria entedia
fatos generalizados.*

58 *O sorriso da criança busca no adulto
proteção e magia: faz desaparecer
a flor da lapela ressurgida em pássaro.*

*O truque barato inunda a casa
em promessas inalcançáveis.*

*A criança cresce
no destino inaquentável
do menino.*

59 *Pior seja a hora espero
tempos melhores: a orientação solar
e estrelas guiam o norte em mistérios.*

*A hora é o esquecer da raiva contida.
Profissão escolhida no aceso pensamento.*

*(Frutas esterilizadas na vingança
em que me sacio).*

*Tempo na imensidão do espaço.
Dias e noites repetidos.*

60 *A justiça ao alcance da mão.
Quem me pergunta dos excessos?
A exceção irrealizada alcança o pesadelo.*

*A legalidade no encontro.
Irreverência no expor
o rei ao ridículo.*

*A justiça alcança a mão
que a alimenta. Legalmente
preso recuso o sistema.*



**INDETERMINAÇÃO
DA
CERTEZA**

1 Toda semana refaço dias
em contas na sucessão
entre ficar e partir.

Amo a descrença de estar comigo
quem conheci em dias antecessores
de vagas horas.

Conto sobre números dispostos
na sequência dos aconteceres:

penso luas e cometas
queimados em sóis elementares.

2 Determino fatos nos prazeres
belos dos olhos fechados. Sonho
igualdades de pontos em vista.

Receio a totalidade dos haveres
no espargir a água sobre a testa.

Testemunho desconstruído
no ato
de me fazer
ausente.

3 Na casa habito paredes
portas
janelas

- sótão
porão

nas paredes resido telas
gravuras
desenhos diversos

sobre móveis imóveis estatuetas
esculpidas em bronze conversam comigo.

4 Minha história repete: homem
envelhecido reclamo dores

minha mulher
conserva a família em telefonemas.

A miséria compreende o sentimento
auscultado em distâncias.

Notícias trafegam velocidades
e a inexistência
se representa
em incertezas.

5 O entendimento tardio releva
o tédio e me assume
em consequência. A incerteza
desliza horários em fixada
meta determinante. Ontem e hoje
no tempo descompromissado:

distância alterada no desentendimento.

6 A ilusão transgride fatos.
Durmo. Invento razões
para continuar. Fatos trespassam
testemunhos e me desorientam: provas
demonstram a impropriedade
dos resquícios deixados ao medo.

Confesso minhas ilusões: inibo
a responsabilidade em acordar
e repetir o sonho.

7 Acredito na definição da vida
inteligente: sentado
 assentado
 assoberbado
 em obrigações.

Meu corpo responde estímulos
neurossensoriais de luzes e contatos.

Reconheço detalhes e distingo
entre desconhecidos amigos
futuros. Creio na observação.
No gosto e tato. Palavras
determinam meu comportamento.

8 Porque é difícil compreender o todo
sou contente com o ínfimo da batalha.

Porque é razoável me olhar no espelho
 reflito a substância do corpo encapsulado.

Porque é compreensível a leitura
evito termos recorrentes ao desespero.

9 Posso fugir do resultado
anunciado em conquista
e me esconder
por algum tempo
entre os vitoriosos.

Não sou o mesmo retornado
na calma da tormenta
anterior ao caos: a entropia
diverge sobre o inconsciente.
A lucidez me obriga a contemplar
placares indistintos em deveres.

10 Destaco na amanhã a ilusão
de vivenciar a mim mesmo
enquanto sina. Assinalo a generalidade
das escolhas: tropeço horizontes.

Na horizontalidade do dia
me ofereço em desconto
concedido
aos que vislumbram
a continuidade.

11 No entanto reconheço a dívida
aposta sobre o destino. Recordo e omito.

No tropeço entre dois mundos
limitados sou o terceiro grito
animalesco na sobrevivência.

Conservo traços inerentes
aos antepassados na forja
permanente dos experimentos.

Concordo e antecedo.

No conseguir o avanço retraio
pupilas e vejo a indiferença
acenar crenças do desnecessário.

12 A criança chora sons interrompidos.
A noite avança inexorabilidades.

Repito o som inicial
do nascimento: inspiro
e expiro
fatos consumados.

A criança repete o comportamento
enquanto a noite se aparenta estável.

13 No pedido não atendido.
refaço trajetos.

Em entrevistas vidas
repouso inverdades: prisioneiro
reduzo o espaço ocupado. A cela
evoca o sentimento adormecido
da verdade repetida em gesto.

Faço a consideração inicial
do ato: minha prática obriga
o corpo na insensibilidade.

14 Ontem estive na desunião do acaso.
Mistério e revelação.

Preço incobrável
do acontecimento.

Há rancor em minhas palavras
de descrita vida na perturbação
da descoberta: a saliência sustenta
a solidão do corpo

o espírito: vaga.

15 Apago luzes
e vejo o esboço no espelho
conservado em reflexos: reflito
o quanto me é contado sobre tudo:
o que desaprendi enquanto jovem
aventurado em idades não apropriadas
ao joio e trigo.

A escuridão reflete o inconsciente.
Meu cérebro ilumina o sentimento.
Durmo a hora aprazada: sono
condensado no espaço utilizado.

16 (A mulher engravida do segundo
filho: o primeiro observa
a mudança. Sons
se fazem poucos. Luzes
conservadas em madrugadas
de movimentos).

Após a inconsciência ressurge
o significado: aventurado em calmas
adquiridas. Perturbado
em filhos sucessivos.

A particularidade na transformação
do ato em fato induzido.

17 Vendo o bilhete
na sorte: asseguro
a existência dos números
premiados.

Passo a vida
na percepção da percentagem
sobre vendas. Sonho
dias
de fortunas.

18 A irreverência do sorriso
nas circunstâncias.
Inconsequência. Eco.

Barulho irreversível
das asas em movimento.

Terremoto. Sobre a lava
rebrotam a flor delicada
e frágil. O oceano retorna
suas margens. O riso
perdura a inconstância.

19 Apago na promessa a certeza
na tradução irreal do medo
transparecem encobertas mensagens.

Certifico o inexistente
traduzido em remediados
verbos na inação proibida
à vicissitude: deixo

em branco a folha no preenchimento
solene do que me é acontecido.

20 A energia desligada remonta o tempo:
desafio estrelas na ilusão do conhecimento.

Interfiro. Indefiro. Prescrevo.

O período obscuro permite
a recomposição da sombra.

21 Visto no outro
espelho discordâncias:
penso possuir
a propriedade. Murar
o terreno na profundidade.
A água oposta à pedra.

A interioridade do ato no incompleto
raciocínio. A finitude do fato
em desenvolvimento entorpece
a sensibilidade: compreendo
a imagem:

adormecido no insensato
busco em mim a criança
antecedida na solidão..

22 Engano
erro
ilusão: vontade de realizar
o inconveniente
no menor espaço.

Às vezes erro o alvo
e me acerto sobre a hora.
Esquecer as consequências
condiciona a sobrevivência.

23 Vista encoberta
em novos prédios. O mar substituído
pelo concreto. O morro desmatado
em portas e janelas.

Avisto o animal pacificado
em domicílio: jaula
substituída pelo muro
no apuro da distância.

A descoberta obscurece a vista
progressivamente indiferente.

24 Calor extemporâneo
na chuva acidificada. O discurso
remete a promessa ao suplício
da intemperança.

A mulher varre a calçada
o cão busca a sombra
a água afoga a planta.

Em algum lugar o alarme irrita
ouvidos sensibilizados na explosão
dos motores. O cavalo (ainda) serve
para puxar a carroça.

25 O medo adequado. Temor consumido em vidas. A sucessão dos tremores conduzem a mente. Pesadelos. A avidez do corpo sob cobertas gélidas de épocas remotas. O refluir da inconsciência no escuro anterior da caverna. Medo imposto pela força da tempestade. Sentimento inócuo da não serventia da proteção na luta. O absoluto.

26 O absoluto convencido sobre a oportunidade de matar divindades de sobreaviso. Revisto gavetas em busca do documento assinado ao arbítrio.

No depositar o voto me reconheço no desatino de crer em organizações e métodos. A colaboração incensada na prosa discursiva recheia o texto em palavras expostas. O expoente recupera o número conseguinte e redundante em quase nada: aos deuses considero épocas difusas em aconteceres.

27 A criança alimentada com o que tenho:
necessário ao crescimento das palavras
corporificadas. Riso. Siso.

Indeterminado na manutenção
da espécie em dias continuados.

O alimento fornece a energia
insubsistente das realidades
forjadas ao dia seguinte.

Ontem foi o cedo recomeço
da matéria.

28 O gato de botas devora distâncias.
A branca de neve refulge vermelha.

Contraste
na finalidade.

O concerto harmoniza tons e sons.

A fábula refaz a verdade
em moralidades: uvas amadurecem.

29 A primeira imagem fantasia
o temor com que o reflexo
devolve ao corpo
o espanto: a casa espelhada
multiplica a irrealdade.

O personagem se confunde
em decisões desnecessárias.

A imagem é primazia
do corpo sobre o espírito.

30 Exercício: o exército regulariza forças
em demonstrações alegóricas

a continência
a parada
a ordem
o descanso.

Autoriza a obrigatoriedade do sentinela
e objeta ao grito a concordância. O tratamento
impessoal das tragédias. Armas refulgem mãos
habilitadas ao martírio de serem leis
e ordens estritamente cumpridas.

31 O riso desautorizado
na seriedade demarcada
do final da história.

Hirto corpo no desfecho
da história: herói
bandido.

A solenidade deságua mágoas
irrestritas. A salva destoa o rito
ao imprevisto pássaro.

32 Na esquina a vida
em idas e vindas. Atravesso
a rua em concentrado passo:
aguardo o sinal favorável
à continuidade. Esquinas
exigem atenção nas escolhas.

Além resido medos
na incosequência
da certeza.

33 Esqueletos petrificados
em abraços: resposta
à insignificância
do presente.

Na aparente fuga
a imagem descobre
sentimentos impensados:

a verdade coleta
prejuízo em valores.

34 Derramo lágrimas inocentes.
A traição no subterfúgio da horizontalidade
no fato despercebido. Lágrimas escorrem
meu rosto: traído pela ambição
mensurada em atos de origem. Oferta
desproporcionada no montante absorvido.

Compro
e vendo existências
em sentidos opostos
ao rito: traio
a imensidão do deserto
afogado em oásis
desconcertados. Lágrimas
traduzidas no esboço
de meros riscos.

35 Incerta idade.

Desdigo opróbrios aos elogios
alcançados. Ouço a plenitude
dos dizeres e me amedronto
em última obsessão.

Calo novidades em ouvidos
e me faço sombra: amparo
o esconderijo.

Ao olhar o espaço percorrido
sei que a vista embaça o passado.

36 Novo entre velhos.

Envelheço. Sou repositório
em altos mares de escuras luas.

Esclareço questões
em que o raciocínio falta
ao significado. Sou juventude
na coleta de incertezas.

37 Lentamente a placa se desloca
sobre outra placa deslocada
milimetricamente: a pressão
na continuidade do movimento.

(Na superfície)

Troco juras de amor e sofro
a imperfeição dos lares
desconstituídos à imagem
e semelhança das placas
que me deslocam lentamente.

Algumas obras do Autor

Poesia

Os Objetos e as Coisas
Livro da Tânia
A Casa das Gaiolas
Coleção Poeta em Obras – Vol. I a XII
Breves Gestos
Amares
A Mão que Escreve
A Pedra Descortinada
Espaços Desocupados
O Poeta e as Palavras
Retratos
Seres
A Configuração do Acaso
A Obra Nua
A Palavra do Nome
O Coletor de Ruínas
A Infinitude dos Sons
A Árvore pela Raiz
A Criação Estética
A Concretude da Casa
Desnecessidades Reentrâncias & Alguns Reingressos
Marina em Poemas
O Dia (A)Final
Brevidades
Via Rápida
O Homem em Curva
Rudimentos
A Personificação na Máscara
Iguais
Palavras Desenhadas
O Descrédito e o Vazio
Tânia
O Livro Infindável e outros poemas

Contos

Em Contos



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Pedro Du Bois, poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Participante do Projeto Passo Fundo.

pedrodubois.blogspot.com



POEMAS semeia a versão da palavra em seu momento inspirador, no inteligente jogo de significados e significantes e, através da palavra, se comunica com a linguagem da liberdade ao criar ideias para os viverem.

ISBN 978-858326195-7



Domínio Público
Biblioteca digital de domínio público em português



Fundação
Passo Fundo
FUNDACÃO